

LEON TROTSKY E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

*Gilberto Felisberto Vasconcellos**

RESUMO

Este artigo focaliza a ausência de Leon Trotsky (a categoria do desenvolvimento desigual do capitalismo) nas ciências sociais do Brasil. Nenhum livro tido como clássico das ciências sociais incorporou as formulações de Leon Trotsky sobre a burocracia stalinista na União Soviética e sua aliança com o capitalismo monopolista. A ausência da influência de Trotsky não se resumiu ao âmbito das ciências sociais, mas atingiu quase toda a cultura brasileira ao contrário do que sucedeu em determinados países da América Latina, sobretudo na Argentina e no Peru, onde a incorporação de Trotsky se fez presente junto com a necessidade da unidade em torno da pátria grande. Por isso é que nesses países houve uma confluência entre nacionalismo e marxismo, ou seja, foi através de Trotsky que começou a tendência em amalgamar Simon Bolívar com Karl Marx.

Palavras-chave: Marxismo. Burocracia. Nacionalismo.

A tardia publicação entre nós do livro do argentino Jorge Abelardo Ramos, *La Historia de La Nacion Latina Americana*, escrita em 1968, cujo autor é um dos mais importantes marxistas do século XX, chama a atenção para um aspecto que ainda não foi devidamente estudado em suas implicações políticas na atualidade: a ausência de Leon Trotsky na gestação e no desenvolvimento das ciências sociais no Brasil.

As ciências sociais institucionalizadas nas universidades preferem a continuidade do subdesenvolvimento à revolução socialista. Dificilmente haverá nas ciências sociais uma teoria revolucionária que não faça parte do marxismo.

Há evidentemente autores brasileiros influenciados pelo revolucionário bolchevique de 1917 como Edmundo Moniz e Mario Pedrosa, os quais no entanto não fazem parte do currículo das ciências sociais, raramente são lidos por professores e alunos nos cursos de graduação e pós-graduação. A rigor, bem considerando, nenhum livro tido atualmente como básico das ciências sociais incorporou em seu cardápio teórico (quando o assunto é a realidade nacional) as formulações de Leon Trotsky, a mais lídima expressão do marxismo no século XX, sobretudo depois da morte de Lênin em 1924. É preciso assinalar que nunca foi, e nem poderia ter sido, harmônica e pacífica a relação do marxismo com a academia universitária.

* Professor adjunto do ICH/UFJF.

Karl Marx não foi nunca admitido por nenhuma universidade europeia. E em seus livros não existe separação entre ciência e revolução. Nos livros de Engels, Rosa Luxemburgo e Lenin frequentemente o “professor” (tal qual o “padre”) é alvo de acirrada crítica e sarcasmo, a exemplo do socialista de cátedra ou a caricatura do marxismo acadêmico. Não obstante isso, no decurso do século XX, vários autores marxistas (Gramsci, Luckacs, Benjamim, Adorno, Sweezy) foram estudados nas universidades, tema de inúmeras teses de mestrado e doutorado. Convém sublinhar que a influência de Trotsky no Brasil (ao contrário de outros países latino americanos como Peru, onde sobressaiu um intelectual de alto nível como Mariátegui) não esteve ausente apenas no mundo acadêmico, como também em movimentos culturais e artísticos como o modernismo, o cinema novo, a poesia concreta e o ISEB.

Não deve parecer estranho ao leitor associar o nome do revolucionário bolchevique à arte, inclusive à psicanálise (como é o caso do psicanalista marxista Wilhelm Reich), pois Trotsky escreveu em 1924 “Literatura e Revolução”, umas das mais agudas reflexões estéticas do marxismo, além de figurar como referência fundamental na vanguarda artística europeia, sobretudo no movimento surrealista liderado por Andre Breton. É curioso que, no modernismo brasileiro de 1922, o único escritor marxista depois de 1928, Oswald de Andrade passou ao largo da influência de Trotsky, e quando a este se referiu o fez com preconceito ou desinformação, o que não deixou de prejudicar sua compreensão política do fascismo, do stalinismo, do Estado Novo, do imperialismo. A mesma coisa seja dita a respeito do cinema brasileiro, no qual é nula a presença de Trotsky, mesmo da parte de Glauber Rocha, cineasta marxista do Cinema Novo cujas posições antistalinistas resultaram de sua avaliação acerca das censuras e dificuldades de Eiseintein na União Soviética. Vale reparar que em seu romance de 1978, *Riverão Sussuarana*, a denúncia sobre o papel colonizador de Stalin nos rumos da história do Brasil, depois da dissolução da Coluna Prestes, não é no entanto respaldada pela crítica de Trotsky a partir de 1924 ao “socialismo em um só país”, a palavra de ordem stalinista que dominou a cena dos partidos comunistas no mundo inteiro, o que coincidiu na União Soviética com a substituição do revolucionário pelo funcionário.

Em 1956 um ex-stalinista, Kruchoy, abriu ao público os crimes e desatinos do stalinismo, mas isso não foi suficiente para se reconhecer (citamos aqui autores importantes como Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Júnior) que desde 1924 na União Soviética havia o antagonismo entre Trotsky e Stalin. O que estava em

pauta nesse conflito era o marxismo do ponto de vista prático e teórico, pois se a Internacional Comunista não é um instrumento da revolução socialista mundial, ela deixa de ter importância para o proletariado. A burocracia stalinista dominou a 3ª Internacional. Ela evocava o prestígio revolucionário do bolchevismo, o qual no entanto já estava quase que inteiramente debilitado em meados da década de 1920 na União Soviética.

A disputa Trotsky-Stalin, que começou em 1924, não foi de cunho pessoal, envolvia a economia mundial e o socialismo. Afinal, a peculiaridade nacional de determinado país não é senão o resultado da economia mundial. A divisão internacional do trabalho é uma realidade criada pelo capitalismo, o qual na era do imperialismo acentuou a interdependência dos países. Esse era o critério internacionalista defendido por Trotsky desde antes de 1917: a revolução socialista começa nos limites de um país, mas não pode ficar confinada em âmbito nacional. O ponto de partida do internacionalismo proletário, tal como estava explicitado no Manifesto Comunista de Marx e Engels, é o fator mundial. E com o estágio imperialista do capitalismo, que eles não conheceram, a economia e a política se converteram ainda mais em fatores internacionais, de modo que não há um desenvolvimento que seja exclusivamente nacional. Trotsky e Lenin diziam que era preciso derrotar o imperialismo nos países ocidentais. Os revolucionários de 17 estavam contando com a ajuda inclusive do proletariado norte-americano. Era essa a dialética histórica: obter ajuda de fora para continuar a transformação revolucionária de dentro e, com isso, ensinar a revolução socialista na Europa. Era absolutamente fundamental para a revolução de 17 contar com a colaboração do proletariado socialista europeu. Este foi, digamos, o drama de 1917: ainda que a Rússia fosse um país atrasado, o proletariado poderia chegar ao poder mais cedo do que o proletariado dos países industriais avançados, mas uma vez no poder, o proletariado russo teria de contar com uma revolução socialista em âmbito mundial, ainda que não ocorrida simultaneamente em todos os países. A posição de Stalin que se configurou a partir de 1924, ou melhor, a posição da burocracia stalinista (para não se incorrer em uma Stalinfobia irracionalista) é que o socialismo seria possível de realizar-se em um só país, no caso o socialismo puramente russo. Trata-se de uma posição teórica que não estava desvinculada dos interesses materiais de uma burocracia satisfeita com o status quo. A propósito não foram poucas as vezes em que Trotsky sublinhou a antítese entre a revolução e a burocracia, o pavor que o funcionário stalinista sentia diante das massas populares.

A teoria do socialismo em um só país foi a expressão política do atraso da sociedade russa e das camadas privilegiadas do funcionalismo público. O aparato de classe do funcionalismo público privilegiado na direção do partido foi a base de classe que deu sustentação ao stalinismo. Era o burocrata que não havia participado dos acontecimentos de 17 e nem sabia nada de marxismo. Inimigo do Kremlin e da 3ª Internacional stalinista, proscrito em todos os países por efeito da diplomacia russa e por ser anticapitalista radical, Trotsky advertiu que mesmo em um país com alto desenvolvimento das forças produtivas (Inglaterra) seria impossível construir o socialismo em um só país. A burocracia stalinista, que criou a expressão “trotskismo” (como se fosse uma teoria autônoma do marxismo e antípoda de Lênin) montou um aparato mundial de propaganda anti-Trotsky depois de este ter denunciado a cumplicidade Stalin-Hitler na Alemanha, o Kuomintang na China e o apoio stalinista a Franco na Espanha.

José Abelardo Ramos contou em um de seus livros que o Partido Comunista desfechou uma guerra contra Trotsky quando ainda não havia trotskistas em Buenos Aires. Não temos conhecimento como os operários e os intelectuais brasileiros de esquerda reagiram (comovidos ou com total indiferença) ao assassinato de Trotsky em 1940. A falta de receptividade das ideias de Trotsky no Brasil sobre a revolução permanente, a teoria do fascismo, a oposição de esquerda à burocracia stalinista, é realmente estarecedora se levarmos em consideração (não obstante o cerco e a difamação feitos pelo Partido Comunista) que de todos os marxistas clássicos foi o único que viveu uns tempos no México (1937-1940) e escreveu sobre a América Latina, chamando a atenção na luta anti-imperialista para o fenômeno divisionista da balcanização do continente e a necessidade de uma Confederação de Estados socialistas latino americanos, os Estados Socialistas da América Latina. No pensamento marxista foi a única voz anti-balcanizadora (antecedido apenas pelo socialista argentino Manuel Ugarte) depois dos nacionalistas Bolívar, San Martí e Artigas. Cada país isolado (isolado pelo imperialismo inglês e norte americano) não faz a revolução socialista nem conclui sua questão nacional e democrática. Chegamos tarde ao conhecimento do marxismo (chegou primeiro o positivismo a exemplo de Luis Carlos Prestes), a esquerda ficou indiferente à situação dos países latino-americanos divididos entre si, cujo isolacionismo mais grave tem sido o do Brasil, dirigido (principalmente depois do golpe de 64) por uma burguesia bandeirante subimperialista e antinação latino americana.

Desde a ascensão de Hitler, Trotsky observou (e este é um problema que continua nos dias atuais) que persistiu um longo período histórico no qual inexistiu

partido revolucionário. A influência de Stalin desprezou as questões teóricas, inclusive no âmbito das ciências sociais. O que prevaleceu foi um pragmatismo mesclado a um empirismo cínico. Foi isso o responsável por colocar Trotsky como anti-leninista, enquanto Stalin seria o continuador de Lênin. A jogada política de Stalin foi ter colocado o partido bolchevique diante de uma falsa opção: escolher entre o leninismo e o trotskismo. O historiador Isaac Deutscher não deixa de ter razão quando considera Trotsky um mártir, comparando ao assassinato de Liebknecht, o companheiro de Rosa Luxemburgo. Quando registramos a ausência de Trotsky nas ciências sociais, estamos indagando quando é que existiu na história do Brasil um partido realmente proletário e socialista. Sem deixar de acrescentar que o pauperismo capitalista é responsável por massas deserdadas sem partidos políticos revolucionários e partidos políticos reformistas sem massas revolucionárias.

Ironia da história que Trotsky tivesse sido assimilado e discutido na Argentina com o tema nacionalista da pátria grande, daí a aproximação de trotskismo com peronismo, enquanto o Brasil (onde menos se observa a influência de Trotsky) é o país que menos se comunica com a América Latina. É raríssimo nossos sociólogos e historiadores usarem a palavra “balcanização” referindo-se à condição continental alienada da variante portuguesa da América. As ciências sociais no Brasil têm seu centro irradiador em São Paulo, cidade que funciona como metrópole fragmentadora na América Latina, a sede das multinacionais. A atual burguesia bandeirante norte-americanizada e tucana (“petucana” porque o Partido dos Trabalhadores não está divorciado da Fiesp) foi antecedida pelo fazendeiro de café aliado da *city* londrina. Gunder Frank no calor da hora, logo depois do golpe, chamou a atenção para o caráter protagônico da FIESP em 1964, embora o golpe de 64 devesse ser explicado do ponto de vista internacional, o que ainda não foi feito pelas ciências sociais.

Curiosamente, dentre os autores nas ciências sociais (incluindo Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes), Gunder Frank foi quem mais assimilou a reflexão de Trotsky para compreender o Brasil em seu livro *O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento*, o qual é uma paráfrase inteligente do desenvolvimento desigual, categoria fundamental usada em *A História da Revolução Russa*, livro que foi escrito em Prinkipo de 1929 a 1932 e que retomava o raciocínio de *A Revolução Permanente* de 1905 e antecipava o que iria ocorrer em 1917. Os países atrasados não deviam nem podiam seguir os passos e caminhos dos países capitalistas avançados que vampirizam o excedente econômico das áreas coloniais. Nas nações

atrasadas o caminho da democracia passava pela ditadura do proletariado. Essa concepção sobre a revolução permanente (haurida em Marx) estava baseada na lei do desenvolvimento desigual, ou seja, o crescimento das forças produtivas (lento ou rápido) não se processa de modo uniforme, e na fase do imperialismo esse crescimento é incompatível com as fronteiras nacionais. Trata-se de um mesmo e único processo histórico contraditório que entrelaça as regiões com níveis econômicos diferentes. Então, a revolução permanente é uma resposta política ao desenvolvimento desigual do capitalismo na fase imperialista. Lá na Rússia em 1917 era a questão agrária a ser resolvida, de que resultou a transição da etapa burguesa para a socialista, mas isso é um problema que todo país atrasado e periférico enfrenta, inclusive hoje. O Brasil realizou sua industrialização sem fazer reforma agrária. Não basta no entanto a existência de reforma agrária para que o país semi-colonial e atrasado elimine o subdesenvolvimento capitalista.

Em 1966 Gunder Frank, que havia estudado na Universidade de Chicago o tema da agricultura na União Soviética, não estava se defrontando (ao escrever *O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento*) com a transição da revolução democrática burguesa para a revolução proletária socialista na América Latina. O tema de Gunder Frank dizia respeito às interpretações sobre o Brasil nas ciências sociais que ignoravam a lei do desenvolvimento desigual na periferia do capitalismo. Ele mostrou que as reflexões de Lenin e Trotsky não haviam sido assimiladas pelas ciências sociais, daí que o subdesenvolvimento do país era indissociável das ciências sociais subdesenvolvidas e desinformadas. Registrou a carência teórica das ciências sociais no Brasil e jogou um balde de água fria nos sociólogos da modernização. Segundo ele, os obstáculos são intransponíveis para alcançar na periferia do capitalismo um desenvolvimento que pudesse estender o progresso à maioria da população. O livro de Gunder Frank *O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento*, inspirado em *A Revolução Permanente* de Trotsky, fazia a crítica do desenvolvimento capitalista, quer na vertente burguesa, quer na stalinista. Hoje podemos constatar que a oposição de esquerda feita por Trotsky à burocracia stalinista na década de 1920 renunciou o que viria a ser a restauração ganguesterística do capitalismo na Rússia. As ciências sociais estão repletas de referência ao método weberiano para estudar a burocracia, mas os estudantes de ciências sociais não ficam sabendo que a maior explicação sobre o fenômeno burocrático deve-se à interpretação de Trotsky a respeito do stalinismo, a qual difere tanto dos liberais mistificadores da democracia abstrata quanto de Kruchov que inaugurou a tendência de ver Stalin como uma personalidade patológica ou se não um cultor narciso da personalidade.

Trotsky não considerou a burocracia uma nova classe social surgida na história; na verdade foi a burocracia que criou Stalin como fruto da pressão imperialista exercida contra um país atrasado como a Rússia. As ciências sociais sabotaram o fato de que os inimigos de Trotsky foram poderosíssimos: a burguesia imperialista, a social democracia e os estamentos burocráticos com altos funcionários públicos. Daí é que a União Soviética se tornou um pseudo Estado de trabalhadores com deformação burocrática, hoje um regime burguês mafioso aliado da expansão do capitalismo monopolista. A consequência disso é a ofensiva cada vez mais agressiva do capitalismo imperialista. Embora sem tematizar a direção burocratizada das organizações sindicais, Gunder Frank nas ciências sociais mostrou que o desenvolvimento capitalista é incapaz de eliminar o subdesenvolvimento da América Latina, como afirmava a sociologia dualista e desenvolvimentista da modernização. Leon Trotsky e Gunder Frank (que morreu em 2005 na Alemanha) representam a antítese da mentalidade conformista e pós-moderna das ciências sociais que identificam socialismo com caridade e filantropia.

LEON TROTSKY AND THE SOCIAL SCIENCES

ABSTRACT

This article focuses on the absence of Leon Trotsky (the category of the uneven development of capitalism) in the social sciences in Brazil. None of the classical books in social sciences incorporated the formulations of Leon Trotsky on the Stalinist bureaucracy in the Soviet Union and its alliance with monopoly capitalism. The lack of influence of Trotsky was not reduced to the social sciences, but reached almost all Brazilian culture unlike what happened in some countries in Latin America, especially in Argentina and Peru, where the incorporation of Trotsky was present along with the need to build political unity around the great motherland. That is why in these countries there was a confluence of nationalism and Marxism, ie, through Trotsky was started the trend to amalgam at Simon Bolivar with Karl Marx.

Keywords: Marxism. Bureaucracy. Nationalism.

REFERÊNCIAS

FRANK, André Gunder. *O desenvolvimento do subdesenvolvimento*. São Paulo: Sinal, 1968.

RAMOS, Jorge Abelardo. *História de la nación latino americana*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

ROCHA, Glauber. *Riverão Sussuaruna*. 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2012.

TROTSKY, Leon. *Literatura e revolução*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *A revolução permanente*. São Paulo: Expressão popular, [198-].